



# XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:  
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

## XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

### GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA CRÍTICA E DO LETRAMENTO INFORMACIONAL NO COMBATE ÀS *FAKE NEWS*

#### REFLECTION ON THE DEVELOPMENT OF CRITICAL READING AND INFORMATION LITERACY IN THE FIGHT AGAINST *FAKE NEWS*

**Karine Costa Santana** - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**Renata Ferreira Costa** - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** O mundo pós-moderno atravessa um momento de forte crise de confiança, que atinge a ciência e a política, mas que também se estende a outros setores da sociedade. Assiste-se à consolidação de uma sociedade na qual os fatos objetivos são menos importantes do que as crenças pessoais. Essa crise do valor da verdade tem aberto espaço para movimentos de negação da ciência, teorias da conspiração, discursos de ódio, polarização política, abalo das estruturas da democracia, desinformação e *fake news*. Uma das principais demandas do século XXI é, então, ensinar a identificar a fonte de determinada publicação, se houve manipulação de uma imagem, se uma fala ou imagem foi colocada em um texto fora de seu contexto original ou se uma página da internet é confiável. Deste modo, este artigo tem como finalidade discutir um dos temas mais produtivos na atualidade, qual seja o impacto das *fake news* nas diversas esferas da atividade humana, e apresentar como contributo ao combate à disseminação desse fenômeno a promoção da leitura crítica e do Letramento Informacional. Para alcançar tal objetivo, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica, na qual se destaca como marco referencial teórico estudos relativos à Sociedade da Informação, à Cibercultura e à Inteligência Coletiva, à Pós-Verdade e às *Fake News*, ao Letramento Informacional e à promoção da Leitura Crítica. A discussão empreendida possibilitou concluir que uma das formas fundamentais de combate à desinformação é a educação, por permitir desenvolver competências e habilidades necessárias para o protagonismo social e a formação cidadã.

**Palavras-Chave:** *fake news*; leitura crítica; letramento informacional.

**Abstract:** The postmodern world is going through a moment of strong crisis of trust, which affects science and politics, but which also extends to other sectors of society. We are witnessing the consolidation of a society in which objective facts are less important than personal beliefs. This crisis in the value of truth has opened up space for movements to denial of science, conspiracy theories, hate speech, political polarization, shaking up of the structures of democracy, disinformation and fake news. One of the main demands of the 21st century is, therefore, to teach how to identify the source of a publication, if there was manipulation of an image, if a speech or image was placed in a text outside its original context or if a website is trustworthy. Thus, this paper aims to discuss one of the most productive topics today, the impact of fake news in the various spheres of human activity, and to present, as a contribution to combating the spread of this phenomenon, the promotion of critical reading and Information Literacy. To achieve this goal, a bibliographical research was undertaken, in

which studies on the Information Society, Cyberculture and Collective Intelligence, Post-Truth and Fake News, Informational Literacy and the promotion of Critical Reading stand out as theoretical framework. The discussion carried out made it possible to conclude that one of the fundamental forms of combating misinformation is education, as it allows the development of skills and abilities necessary for social protagonism and citizen education.

**Keywords:** fake news; critical reading; information literacy.

## 1 INTRODUÇÃO

A Sociedade da Informação, que tem início nas últimas décadas do século XX, concebe a internet como sua forte aliada. No entanto, o que se percebe é uma suposta democratização do conhecimento, pois a fluidez das informações que circulam neste meio é um terreno fértil para informações mentirosas. Além disso, a maioria dos usuários não controla e nem pondera o conteúdo que é produzido, de modo que, ao invés de navegarem na rede, terminam naufragando no oceano da desinformação.

De acordo com Marcuschi (2004, p. 13), “na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas”. É a partir dessa perspectiva que se pode dizer que a educação do século XXI exige novas formas de aprendizagem, especialmente no ambiente digital. Ainda que os modelos educacionais estabelecidos nas instituições de ensino dialoguem precariamente com o mundo tecnológico, não há possibilidade de conceber o saber e o pensar na sociedade contemporânea sem considerar o ciberespaço, ambiente em que os estudantes e os professores estão inseridos cotidianamente.

Outrossim, a internet é uma ferramenta que atinge milhões de pessoas no mundo e destaca-se pela combinação favorável entre comunicação, informação e agilidade. Esse fenômeno social, indispensável na vida dos indivíduos do século XXI, conforme Shackelford (2019), tem o ano de 1969 como marco do seu nascimento, quando o professor Leonard Kleinrock, da Universidade da Califórnia, mandou a primeira mensagem. Após 52 anos da sua criação, a internet foi se tornando cada vez mais “democrática” e transformou a Sociedade da Informação, possibilitando a interação de forma rápida e eficiente através do acesso a diversos espaços virtuais, na configuração de sites, blogs e redes sociais.

Em 2007, o surgimento do smartphone, “aparelho inteligente”, possibilitou a redução da exclusão digital devido ao baixo custo e à maior facilidade de acesso. Conforme dados da

Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio (PNAD, 2018), no Brasil, o percentual de domicílios que utilizavam a Internet subiu de 74,9% para 79,1%, de 2017 para 2018. O equipamento mais usado para acessar a rede foi o celular, encontrado em 99,2% dos domicílios com serviço.

Esses dados confirmam que os nativos digitais acessam constantemente os mais variados tipos de conteúdo. No entanto, necessitam de orientação para não caírem nas armadilhas do mundo virtual. Compreende-se, então, que a melhor solução para mitigar esse problema, ou antes mediar a compreensão da massa de conteúdos digitais, está na educação, em desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem voltadas ao Letramento Informacional, para que o estudante saiba lidar de maneira competente com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e com a grande quantidade de informações que invadem o ciberespaço a todo momento. Assim, conforme Campello (2009, p. 13), “o Letramento Informacional constituiria uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento”.

Diante da universalização da cibercultura, ou seja, de “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17), novas gerações de aprendizes são imersas em relações interpessoais e na produção de “conhecimento” oferecido pelo universo digital. Um exemplo a ser citado são as redes sociais, comunidades de interação e aprendizagem com predominância da multiculturalidade. Em vista disso, reafirma-se que os estudantes da contemporaneidade encontram informação a todo momento e em diferentes espaços e são consumidores, mas também produtores fortemente influenciados pelas mídias digitais.

É fundamental pensar, então, de forma crítica e ética sobre o papel dessas novas tecnologias na formação educacional dos sujeitos e desenvolver práticas pedagógicas que abram caminho para o seu protagonismo social, para que, enquanto cidadãos, possam consumir e produzir informações de forma consciente, utilizando-as nas mais diversas situações exigidas pela sociedade. Desse modo, reafirma-se a necessidade do acesso à leitura, do hábito dessa prática social e do uso autônomo das ferramentas tecnológicas para tornar os estudantes responsáveis pelas mudanças de sua própria realidade. Nesse viés, Castells (2013) destaca o conceito de “autocomunicação”, intimamente relacionado à autonomia do emissor da mensagem:

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de “autocomunicação” – o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é auto direcionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é auto selecionada (CASTELLS, 2013, p. 15).

Nesse cenário de avanços tecnológicos e relações sociais mediadas pela internet destaca-se o termo “ciberespaço” – criado em 1984, por William Gibson –, um novo ambiente social que estabelece a comunicação por meio da interconexão de seus usuários através da formação de comunidades com os mesmos interesses e afinidades. O ciberespaço abriga um universo de informações, sendo necessário filtrar e escolher as informações para compartilhá-las de forma ética, responsável e significativa entre as comunidades, a fim de alcançar a “inteligência coletiva”<sup>1</sup>.

Entretanto, o mesmo espaço virtual de comunicação, de entretenimento e cultura e de compartilhamento de informações, ou seja, de sociabilidade virtual por meio da tecnologia, que interliga pessoas, instituições, documentos e máquinas, tornando as fontes de informação mais acessíveis, abre caminho para a manipulação de imagens e dados e a produção e circulação de notícias falsas, denominadas “fake news”, como se fossem verdadeiras, sem compromisso com a ética e a verdade.

Não há dúvidas de que as *fake news* compartilhadas e com um número elevado de *likes*, na maioria das situações, não são lidas por completo, não são consideradas a partir de seu efeito-verdade ou não têm suas fontes investigadas, por isso tendem a viralizar tão facilmente. A viralização<sup>2</sup> acontece devido à formulação intencional de títulos e manchetes alarmantes, que levam o usuário a disseminar o conteúdo sem nem ao menos conhecê-lo. Dada a relevância desses fatores numa sociedade que vive a “Era da Pós-Verdade”, faz-se necessário desenvolver competências e habilidades em informação que permitam aos sujeitos identificarem, através de pistas textuais, as características das *fake news*. Logo, é imprescindível levar o debate à sala de aula através do desenvolvimento da competência

---

<sup>1</sup> Conforme estabelece Lévy (2003), é a inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.

<sup>2</sup> “Viralização é um termo que surgiu com o crescimento do número de usuários das redes sociais e blogs. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam ganhando repercussão (muitas vezes inesperada) na web.” (AVANTI! TECNOLOGIA & MARKETING, 2014).

leitadora e da promoção do Letramento Informacional – “processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas” (GASQUE, 2012, p. 29) –, a fim de formar leitores capazes de acessar e receber a informação de forma eficaz, através da busca das fontes e do autoquestionamento, para perceberem as intenções de produção e divulgação de conteúdos e seus possíveis impactos na sociedade.

Entretanto, apesar da relevância e urgência desse tema, uma das principais demandas do século XXI é justamente ensinar a identificar a fonte de determinada publicação, se houve manipulação de uma imagem, se uma fala ou imagem foi colocada em um texto fora de seu contexto original ou se uma página da internet é confiável. Deste modo, este artigo tem como finalidade discutir um dos temas mais produtivos na atualidade, qual seja o impacto das *fake news* nas diversas esferas da atividade humana, e apresentar como contributo ao combate à disseminação desse fenômeno a promoção da leitura crítica e do Letramento Informacional.

Para alcançar tal objetivo, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica, que teve como referência os descritores “sociedade da informação”, “cibercultura”, “pós-verdade”, “fake news”, “letramento informacional”, “*information literacy*” e “leitura crítica”, em bases de dados *on-line*, a exemplo do Google e dos repositórios de universidades. Destaca-se como marco referencial teórico estudos relativos à Sociedade da Informação (CASTELLS, 2013), à Cibercultura e à Inteligência Coletiva (LÉVY, 1999; 2003), à Pós-Verdade e às Fake News (AIDAR; ALVES, 2019; BRUNO; ROQUE, 2019; BUCCI, 2019; CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018; D’ANCONA, 2018; FERRARI, 2018; FONSECA, 2017; SAYAD, 2019; SCOFIELD JR, 2019; SILVA; TINOCO, 2019), ao Letramento Informacional (CAMPHELLO, 2003, 2009; GASQUE, 2010, 2012; GOMES, 2019) e à promoção da Leitura Crítica (ANTUNES, 2003; FERRAREZI JR., 2017; FREIRE, 2005; SOARES, 2017; SOLÉ, 1998).

## **2 REFLEXÕES SOBRE A ERA DA PÓS-VERDADE E DAS FAKE-NEWS**

O mundo pós-moderno atravessa um momento de forte crise de confiança, que atinge a ciência e a política, mas que também se estende a outros setores da sociedade. Assiste-se à consolidação de uma “sociedade líquida”, como defendido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, que vive as incertezas e angústias de uma vida pautada pelo individualismo e pelo consumo desenfreado e na qual os fatos objetivos são menos importantes do que as crenças pessoais. Essa crise do valor da verdade tem aberto espaço para movimentos de negação da ciência,

teorias da conspiração, discursos de ódio, polarização política, abalo das estruturas da democracia, desinformação e *fake news*. Um sintoma desses tempos é o fenômeno da pós-verdade, termo que aponta para uma inversão de valores: quando antes se dizia “contra fatos não há argumentos”, hoje pode-se dizer “contra convicções pessoais não há fatos”. Scofield Jr (2019, p. 68) corrobora com essa explanação ao afirmar que “vivemos tempos de instabilidade e fluidez da informação. Este é o terreno fértil para a disseminação de mentiras, desinformação e exageros de todos os tipos”.

Foi em 2016, com as discussões do *Brexit (Britain exit)*, na Grã-Bretanha, e a campanha eleitoral de Donald Trump, nos EUA, que se lançou definitivamente a era da pós-verdade, na qual:

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo. (D’ANCONA, 2018, p. 19).

O conceito de pós-verdade é aplicável a situações em que o apelo a emoções e a crenças pessoais se torna importante para mobilizar a opinião pública a pensar que determinado “fato” está sendo objetivamente apresentado (FERRARI, 2018). Com tantas evidências geradas pela crise informacional, entende-se que conteúdos persuasivos que causam sentimentos de medo ou raiva são fatores cruciais para levarem as pessoas a compartilharem mensagens sem dar a devida relevância ao que realmente é fato.

Assim, a frase “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, do ministro da propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, traduz muito bem o mundo contemporâneo, que, tomado pelos efeitos da pós-verdade, vem sofrendo, especialmente por meio das nas redes sociais digitais, uma verdadeira guerra de discursos. Nesse sentido, Corrêa e Custódio (2018, p. 205) afirmam que:

À medida em que cada um possui sua própria verdade, baseada não em fatos, mas em crenças pessoais geralmente tendenciosas e carregadas de interesses e julgamentos de valor, a ambiguidade vai ocupando espaços cada vez maiores. Assim, um único fato pode assumir centenas de interpretações diferentes e conflitantes. Começam a ser colocados em xeque os conceitos de honestidade e desonestidade, credibilidade e dúvida, verdade e mentira. Vive-se um tempo em que as convicções são mais importantes do que as provas.

Nesse contexto, ganham projeção as *fake news*, motivadas também pela velocidade exponencial com que são compartilhadas. É pertinente evidenciar que, embora a disseminação de notícias falsas não seja algo novo, o volume, a escala e a velocidade com que se propagam, impulsionadas especialmente pelas redes sociais, é consideravelmente superior às fofocas ou boatos de antigamente.

No ecossistema informacional, as *fake news* são muito mais do que mentiras, constituem-se como “uma nova modalidade de mentira, com distinções muito bem marcadas”, como afirma Bucci (2019, p. 41). Elas enganam o leitor porque sua própria natureza é falsificada:

[...] apresentam-se como enunciados produzidos por uma redação profissional, mas não são isso. [...] simulam uma linguagem jornalística, às vezes adotam o jargão e os cacoetes de uma reportagem profissional em vídeo, áudio ou texto, mas são outra coisa. Elas se fazem passar por jornalismo sem ser jornalismo. São *news* falsificadas, [...] A sua origem é desconhecida. Impossível encontrar o autor. Impossível ter com quem reclamar sobre seu conteúdo. (BUCCI, 2019, p. 38).

Observa-se que, na atual conjuntura mundial, que vive a pandemia do novo Coronavírus, embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) e inúmeros especialistas estejam alertando sobre a gravidade da Covid-19 e da necessidade dos cuidados básicos e do cumprimento do isolamento social, alguns indivíduos e grupos que os representam, a partir da negação da verdade, seguem suas visões de mundo, justificando a pós-verdade ao confirmarem que o vírus não passa de uma “gripezinha”. Inegavelmente, essas pessoas e grupos preferem continuar com suas crenças, pois ratificam e reproduzem discursos políticos que negam a ciência e desrespeitam as recomendações dos órgãos de saúde.

Confirma-se, então, que, em meio à pandemia, está havendo um fortalecimento da era da pós-verdade, reafirmado pela disseminação de *fake news*. É certo que informações cujos conteúdos, parcial ou integralmente mentirosos e retirados de seus contextos originais, estão circulando nas redes sociais com a intenção de desorientar ainda mais o comportamento do leitor digital, tanto na formação de sua opinião, como também na produção do conhecimento. Conseqüentemente, vêm causando efeitos desastrosos, bem como dificultando o enfrentamento da atual crise sanitária. Assim, Silva e Tinoco (2019, p. 193-194) afirmam que,

[...] as *fake news*, em geral, ajudam a compor a pós-verdade, dando bastante ênfase a questões emocionais e, com isso, embotando aquilo que é factual,

ora oferecendo versões alternativas ora mesclando-se àquilo que realmente aconteceu. Em todo caso, o que se oferece são enganações capazes de inflamar o sentimento do público ao qual se dirigem.

Não há dúvida de que, na era da pós-verdade, não há seleção daquilo que é verdadeiro ou falso, por isso as *fake news* são disseminadas, pois coadunam com a visão de mundo de quem as produz, não havendo cautela com a informação. Ademais, o envolvimento dos usuários das redes sociais dentro de bolhas de relacionamento é um empecilho para uma postura crítica e ética na busca pelo que é verdadeiro ou falso.

Diante desse contexto, é possível afirmar que, atualmente, o mundo vive duas pandemias, a do novo Coronavírus e a do vírus da desinformação. Em meio à crise sanitária, esse fenômeno continua crescendo exponencialmente através do impulsionamento das redes sociais e, conseqüentemente, instaurando medo e caos entre os seus usuários, o que dificulta o enfrentamento desse problema pelos órgãos de saúde.

É interessante notar que as *fake news*, para além de representarem uma característica de uma época, como foi apontado, ganham repercussão por envolverem conteúdos que despertam emoções e crenças, por serem carregadas de intencionalidades e por serem replicáveis em grupos de afinidades, o que contribui para sua familiaridade e conseqüente aceitação, como apontam Bruno e Roque (2019).

Seria possível imaginar que esse tipo de notícia fraudulenta seria de tal forma elaborada que dificilmente deixasse espaço para questionamentos à sua veracidade. Contudo, conforme Aidar e Alves (2019), as *fake news* são facilmente identificadas por apresentarem, entre outras coisas, erros linguísticos e ortográficos, caráter alarmista e apelo para compartilhamento.

Nesse universo de desinformação, destaca-se, também, a disseminação de notícias que são retiradas de seu contexto original, com o propósito de distorcer a realidade dos fatos. Tendo em vista esses aspectos, Bruno e Roque (2019) revelam um mecanismo que foi fundamental para o resultado da eleição presidencial brasileira de 2018:

Mensagens produzidas pelo aparato de campanha eram compartilhadas em grupos, de modo voluntário, por apoiadores reais do candidato. Após receber as mensagens, essas pessoas decidiam passá-las adiante, enxameando a rede. Ao fazer isso, a campanha de Bolsonaro incorporou um pressuposto que vem sendo usado por estratégias de segmentação de propaganda: pessoas que repassam mensagens para seus grupos de afinidade têm papel particularmente relevante, pois geram confiabilidade. (BRUNO; ROQUE, 2019, p. 14).

Sem dúvida, a falta de caráter e o total descompromisso com os fatos são fatores que caracterizam os produtores de pseudonotícias. Reafirma-se, portanto, a função primordial do pensamento crítico, que, em termos socráticos, significa desenvolver uma série de aptidões ligadas a comprovar, encontrar evidências, sintetizar e concluir fatos, como salienta Sayad (2019).

Caminhando rumo ao fomento do senso crítico e à possibilidade de os usuários da internet consumirem notícias com credibilidade, para que saibam separar o falso do verdadeiro, é que foram criadas agências de checagem de fatos (em inglês *fact checking*), as quais, de acordo com Fonseca (2017), confrontam histórias com dados, pesquisas e registros. Por serem ferramentas eficientes e de extrema importância no combate às *fake news*, essas plataformas merecem atenção dos usuários, porque são formas de credibilizar o debate público, conferir se há manipulação na informação e, sobretudo, enfraquecer o mercado da mentira.

No Brasil, merecem destaque as seguintes *fact checking*: Agência Lupa - traz o projeto “Fake ou News”, que busca auxiliar jovens na checagem de informações e no combate às notícias falsas; canal do Ministério da Saúde - serviço criado para esclarecer notícias falsas que circulam na área da saúde; Agência Pública - através do projeto “Truco”, verifica se falas de políticos e personalidades são verdadeiras, além de checar informações em circulação nas redes sociais e no WhatsApp; Coalizão Comprova – o projeto “Vaza, Falsiane” oferece um curso online e gratuito contra a desinformação e as fake news, voltado para jovens e professores da Educação Básica e do Ensino Superior; É nós - por meio do projeto “Checazap”, presta serviços de checagem de notícias falsas compartilhadas por aplicativos de mensagens.

Como o avanço tecnológico é mais rápido que o avanço educacional, o objetivo das agências de *fact checking* é fortalecer o senso crítico e a tomada de decisões por meio da comprovação da verdade. Ressalta-se, portanto, o papel fundamental que o esclarecimento da população assume como única forma de combate à desinformação. Logo, espera-se que a sociedade da informação seja fortalecida através da prática da “inteligência coletiva”, expressão utilizada por Lévy (2003).

### **3 A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO E O DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO INFORMACIONAL**

Nas sociedades letradas, a leitura é consagrada como um instrumento de extrema necessidade, uma vez que grande parte das informações que circulam são transmitidas

através da linguagem escrita, circunstância que requer um preparo maior do leitor para lidar com as diversas situações de letramento, ou seja, os momentos em são utilizados os diferentes gêneros discursivos que circulam nas diversas esferas sociais. No entanto, as práticas sociocomunicativas tornam-se limitadas para os indivíduos que não interpretam o que é lido.

De acordo com Soares (2017, p. 20), “não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”. Deste modo, o conceito de letramento vai além da atividade de decodificação de letras e palavras, trata-se da possibilidade de melhor interpretar significados e sentidos, ou seja, é fazer uso da leitura e da escrita para responder adequadamente às demandas sociais.

Ler é um processo de interação entre o autor e o texto, como afirma Solé (1998). Nesse sentido, para alcançar os sentidos do texto, o leitor deve ativar uma série de conhecimentos prévios, uma bagagem de letramentos, que nem sempre ele possui. Assim, entende-se a necessidade de despertar a responsabilidade para essa interação, de modo que os sujeitos sejam capazes de interpretar de forma correta as entrelinhas dos conteúdos que recebem, especialmente advindos das redes sociais. Ademais, que consiga ultrapassar a superfície textual e entenda o contexto sociocomunicativo, bem como as pretensões do autor. Nas palavras de Ferrarezi Jr (2017, p. 113), há que se “ir além da superfície e das pistas textuais que permitem inferências de vários tipos e chegar a uma aplicação coerente do texto em relação a fatos de existência, conjugando sua leitura de mundo com a leitura do texto”.

Antunes (2003, p. 82) corrobora com essa afirmação quando diz que:

A leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que às vezes sutilmente estão embutidas nas entrelinhas. O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. Mas nenhum, como disse, é neutro, no sentido de que não toma partido em relação a uma determinada concepção das coisas.

Considerando a circulação da notícia no ambiente digital, é indubitável que a interação entre o leitor e o texto seja um ato efetivo na construção do conhecimento. Para isso, é necessário ir além da decodificação, para desenvolver a capacidade de inferir e deduzir. De acordo com Ferrarezi Jr (2017), inferir significa compreender relações entre elementos

explícitos e implícitos da composição textual, extrair conclusões a partir do exame de fatos ou pistas textuais; deduzir, por sua vez, não se trata de uma mera adivinhação, exige constantemente a lógica para se chegar a uma conclusão.

Por conseguinte, o leitor proficiente atinge a profundidade do texto através de estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, textual e de mundo. Além disso, estabelece relações com o mundo através de aspectos sociais e culturais que percorrem a atividade intelectual. Nesse sentido, o trabalho com a leitura na escola deve alcançar desde as atividades de localização de informações implícitas até as inferenciais mais globais, para alcançar a criticidade do leitor.

Segundo Freire (2005, p. 11), o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita”, mas “se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. De fato, os efeitos danosos causados pelo fenômeno da desinformação mostram a urgência em formar estudantes que leiam criticamente as informações que recebem, para que possam alcançar a leitura crítica e transformadora.

Em tempos de caos informacional, é urgente que a educação prepare os estudantes para lerem reflexivamente textos verbais e não verbais, interpretem informações, refletirem sobre diferentes pontos de vista, explorem as causas, consequências e riscos da hiperinformação e adquirirem o hábito de fazer perguntas críticas a respeito da informação, e não apenas consumi-la. Ademais, que, por meio de seu protagonismo, contribuam com as transformações da realidade na qual estão inseridos e se tornem cidadãos críticos, responsáveis e éticos em suas práticas sociais.

Para tanto, faz-se necessário fortalecer o engajamento da escola no processo de fomento a competências e habilidades, de modo a alcançar a leitura crítica para o reconhecimento das *fake news*, através da análise criteriosa e eficaz da informação, ou ainda, segundo Sayad (2019, p. 72), é preciso “desenvolver uma série de aptidões ligadas a comprovar, encontrar evidências, sintetizar e concluir fatos”. Fazer o ambiente escolar dialogar com as demandas reais da sociedade é possível por meio de uma proposta de estímulo ao pensamento crítico e de desenvolvimento do Letramento Informacional, que, de acordo com Gasque (2010), “constitui um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas.”

Destaca-se, então, a íntima relação entre a leitura e a competência informacional, essencial para se viver na sociedade da informação, que exige habilidades

[...] de solucionar problemas, de aprender independentemente, de aprender ao longo de toda a vida, de aprender a aprender, de questionamento, de pensamento lógico, colocando-as na categoria de habilidades cognitivas de ordem superior ou de pensamento crítico (CAMPELLO, 2003).

Considerando que uma das demandas da escola do século XXI é fortalecer o diálogo constante com as necessidades do mundo moderno e informacional, preparando a população para os desafios contemporâneos, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, sugere que é preciso empreender uma curadoria competente das fontes de informação consultadas, a fim de saber lidar de forma crítica e responsável com as *fake news* (BRASIL, 2017). Ademais, essa proposta pedagógica também dialoga com a competência seis da área de linguagens da BNCC:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017, p. 63).

Destacam-se ainda algumas habilidades no eixo da leitura no campo de atuação jornalístico/midiático, conforme a BNCC:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a *sites* de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF08LP01) Identificar e comparar as várias editoriais de jornais impressos e digitais e de sites noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação.

(EF08LP02) Justificar diferenças ou semelhanças no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em textos diferentes, consultando sites e serviços de checadores de fatos. (BRASIL, 2017, p. 161-175).

Como foi possível observar, a disseminação de notícias falsas faz parte de um problema relacionado à linguagem, que pode ser sanado com estratégias voltadas ao desenvolvimento da interpretação textual, ou seja, a percepção acerca das intenções comunicativas de um texto.

Em suma, considera-se que a informação e o conhecimento são essenciais na formação de valores, condutas e na tomada de posição. Diante da avalanche de informações que são produzidas e consumidas constantemente, é de extrema necessidade atentar-se às fontes, fazer buscas, navegar em páginas de checagem e, sobretudo, ter a capacidade de questionar as informações antes de tomá-las como verdade e compartilhá-las. Valendo-se do Letramento Informacional, será possível formar cidadãos críticos e engajados socialmente, que, segundo Gomes (2019), assumam ações de liderança contra as notícias falsas, façam frente à desinformação, que representa uma forte ameaça ao coletivo, e exerçam o protagonismo pela construção de um mundo a favor da verdade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão empreendida possibilitou refletir sobre um fenômeno que assola de forma bastante nociva a Sociedade da Informação, as *fake news*, as quais, associadas a um período histórico de pós-verdade, resultam em um caos no ecossistema informacional.

Diante desse cenário, uma das formas de combate à desinformação é a educação, através da promoção do pensamento crítico e da competência informacional e por meio da orientação no uso de ferramentas de checagem de fatos, as *fact checking*, que permita aos sujeitos reagirem conscientemente à grande massa de informações que lhes chega todos os dias pela internet, ao filtrá-las, questionar se são relevantes, investigar se suas fontes são confiáveis e avaliar a possibilidade de compartilhamento.

Nesse tocante, a valorização da pedagogia das competências deve ser o foco da educação do século XXI. Para isso, o trabalho apurado rumo ao hábito de leitura crítica agregado ao Letramento Informacional é fundamental para desenvolver competências e habilidades necessárias para o protagonismo social e a formação cidadã.

#### REFERÊNCIAS

AIDAR, Flávia; ALVES, Januária Cristina. **Como não ser enganado pelas fake news**. São Paulo: Moderna, 2019.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AVANTI! TECNOLOGIA & MARKETING. **Entenda melhor o termo viralização: por que um conteúdo se torna viral?**. São Paulo: Blog Pense Avanti, 2014. Disponível em: <http://blog.penseavanti.com.br/entenda-melhor-o-termo-viralizacaopor-que-um-conteudo->

se-tornaviral/#:~:text=Viraliza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20termo%20que,muitas%20vezes%20inesperada)%20na%20web... Acesso em: 19 maio 2020.

BRUNO, Fernanda; ROQUE Tatiana. A ponta de um iceberg de desconfiança. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra das narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 13-23.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BUCCI, Eugênio. News não são Fake – e Fake não são News. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake News**: reflexões sobre a guerra da narrativa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 37-48.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **O movimento da competência informacional**: uma perspectiva para o letramento informacional. Brasília 2003, p.28-37. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-9652003000300004&script=sci\\_abstract&lng=pt/](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-9652003000300004&script=sci_abstract&lng=pt/) Acesso em: 21. nov. 2020.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 208f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-214, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777/1043>. Acesso em: 12 nov. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução: Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

FERRAREZI JR., Celso. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERRARI, Pollyana. **Fluido, fluxo**: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FONSECA, Bruno. O que é *fact-checking*. **Pública**, São Paulo: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://apublica.org/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>. Acesso em: 10 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39 n. 3, p. 83-92, set./dez. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-19652010000300007&lng=pt&nrm=iso&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-19652010000300007&lng=pt&nrm=iso&lng=pt). Acesso em: 21 nov. 2020.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012.

GOMES, Henriette Ferreira. **Protagonismo social e mediação da informação**. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinfn/article/view/4644>. Acesso em 20. nov. 2020.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SAYAD, Alexandre. Idade média: uma Idade Média às avessas. *In*: BARBOSA, Mariana (Org.). **Pós-verdade e fake News**: reflexões sobre a guerra da narrativa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 69-77.

SCOFIELD JR, Gilberto. Desconstruindo as fake news: o trabalho das agências de *fact-checking*. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake News**: reflexões sobre a guerra da narrativa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 59-68.

SHACKELFORD, Scott. Primeira mensagem enviada "online" completa 50 anos: conheça essa história. **Revista Galileu**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/10/primeira-mensagem-enviada-online-completa-50-anos-conheca-essa-historia.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SILVA, Francisco; TINOCO, Glícia. Multiletramentos em tempos de crise: A escola contra as fake news. *In*: AZEVEDO, Isabel Michelan de; COSTA, Renata Ferreira (orgs.). **Multimodalidade e práticas de multiletramentos no ensino de línguas**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 193-194.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.